



MARIA ESTELA GUEDES
Folhas de Flandres
Lisboa, Apenas Livros Editora, 2014

Temple des Charbonniers

A tangerina pousada no tejadilho
Do boca de sapo é tão grande como ele.

Arte de rua, em Lille

Publicitária, urbana.

Assim o mineiro

Mete as mãos nas algibeiras

Sem fundo

Revolta-se, passa a charbonnier.

Iniciações

À floresta, à árvore, à poda da grimpa

Ao fumo e ao fogo.

Poda faz-se com tesoura, dependendo

Da grossura dos ramos.

Em geral usa-se a serra elétrica.

A plaina para desbastar

Nivelar

Diminuir a espessura da prancha de madeira

Afagar.

Com todo o meu carinho, uma bela

Peça de marcenaria, prancha

Balaústre

O que quiseres.

C de Carbono, de carvão, de carbonária Stella.

Nome de uma só letra, como tão bem reparaste,

Herberto, Mestre - o C matricial de qualquer forma de

Vida.

Ambos sabemos sem nas aulas

Termos aprendido, o saber infuso e

Adquirido à força de

Batermos com a cabeça nas paredes.

A dor ensina

A dor também é doce
A dor eleva
O *mystes*, inebria
Como um perfume secreto
Arrepiá como visão do
Sublime.

A dor é mestra.
Acautela a tua, não se torne académica
Tal a de Camões morrendo de amores
À imagem dos trovadores
Pela sua dama
E aqueles, da ainda mais antiga Safo
Devedores. Sim, também a de Lesbos
Morria de amor
E confessava, ao voltar para ela a sua
Trânsfuga Átis:
*Sem ti,
Definhava, e agora inflamaste-me o coração
E puseste-o a arder de amor.*

Dor académica, dor indolor, autónoma da gente – a despeito
Da lhama
Cardíaca, cristalizada na linguagem.
Tentaste arrancar da madeira a letra única
Do nome – o C da Carbonária – gostas que te mexa no pote
Dos versos com a gadanha da alma, longe da Academia
Longe do *peripatos*, pertinho das sensações
Em carne-viva.
Não vai para Antuérpia este comboio
Mas imagina tu, Herberto, para onde vai a carvoeira!
Para um templo aberto na floresta dos símbolos
Verdes, na Flandres, algures
Nordeste de França
Por onde tu de comboio também viajaste, na
Fronteira com a Bélgica das vacas
No limite da fome
Em Antuérpia
Cantando flamenco
Dançando fandango
Aliás era o tango
Nos bares de putas e marinheiros.

Um templo na floresta
Entre Lille e Valenciennes, por aí
Junto a um pavilhão de caça que guardam gansos

E cães de longas orelhas
Com rodas baixas.

Aqui reúnem os Bons Primos
Belgas e franceses
E praticam o Rito Florestal ao ar livre
Só com avental de borrego
Como paramentos
Sobre o vento ou caia neve.

Na floresta como templo
Des Bons Cousins Charbonniers
Recorda-se Mère Cateau
Essa que lhes abria
Em toda a sua doçura feminina
O coração e as pernas
Dando-lhes a passarinha
Et le potage aux choux.
Bela perspectiva que te havia de inspirar
Desde a cabeça truculenta
Até às tripas - poeta sem metafísica, tu assim o dizes
Poeta das sensações paleolíticas.
Respira. Faz uma pausa.

^^^^^^^^^^^^^^^^^^^^^^^^^^^^

Douai - o TGV pára por instantes
A recobrar fôlego
Enquanto o Bon Cousin Pierre aponta para o repolho
Como lustre de vidrilhos de Murano
De uma pirâmide de ramos suspenso
Lá no templo oculto entre as árvores esbeltas
A lembrarem as paranaenses bracingas
Que também escondem altas vendas de madeira
Entre os ramos.
Por baixo, o pote de ferro ao lume de chão
Com que Mère Cateau cozinha o caldo
E o bouillon de langue de boeuf.
Não sei se já se conhecia a folha de flandres
Liga de ferro e aço com um risinho de estanho.
Um sorrisinho estanhado.
Para panelas também luz o alumínio
Ligas - lata, latão - antigos artesãos e perdidas artes
Ligas passado ao futuro
Vai ser duro ficar na estação
A ver-vos partir no trem para a terra do nunca mais.

Para a terra do nunca mais partiram e partirão
Tanoeiros e cesteiros
Fogueteiros, cordoeiros e violetistas
Ferreiros e alquimistas
Ferradores e latoeiros
Marceneiros, lampianistas e vareiras
Oleiros, moleiros e lenhadores
Azeiteiros, alfaiates, pedreiros, calceteiros
Funileiros e cantoneiros
Sapateiros, rachadores, ilusionistas
Ladrões e almocreves
Costureiras e bordadeiras
Padeiros, amoladores de tesouras e canivetes
Varinas e lavadeiras
E fazedores de obuses, metralhadoras e canhões
Que também dos metais da guerra está prenhe
O chão da Flandres.

Mais ao norte, na Normandia
Quantos não morreram nesse dia D
Em que Père Naurois, ornitólogo, perito nas aves
Da Macaronésia - ilhas atlânticas
Em especial Cabo Verde, Príncipe e São Tomé
Se tornou herói do desembarque, medalhado por
De Gaulle.

E ossos, também devem sobreviver tíbias
Úmeros, peróneos e astrágalos,
Rádios, crânios e cinturas pélvicas
De tanto rapazinho virgem
Com o ferro e o estanho misturados
Nos terrils e no húmus
E tudo isto faz florirem
Batatais, brócolos, campos de beterraba, nabo, abóbora
Cenoura, repolho
E as inevitáveis couves-de-bruxelas.
Também temos hortas assim, diz Cesário Verde
Lá para os lados de Loures
Malveira e Odivelas.

O cheiro quente e podre dos legumes
Flui quase tangível entre faias e silvas
Define o perímetro do templo
Para o desenrolar do rito que inicia o cobridor:
Enroupado numa pele de urso
Corre por fora, à volta das pirâmides de troncos

Traçando com o pau nu
O mágico círculo
Que protege dos lobos a assembleia sacra.

Voga o TGV como veleiro
No silêncio e solidão dos ares
Em que erguemos as incandescentes vozes

De Salut et Fraternité.
Avantage et Bonne Vie!
Vantagem e Boa Vida!
Saúde e Fraternidade!

Pensas, C, em bonecas russas
De madeira: umas nas outras encaixam
Até se perder na última a noz do significado.

Regressaste à terra.
Esse foi o teu maior pecado.
Voltar sem nenhum retorno
Apenas porque a mãe ainda esboça palavras
Perto do seu imenso sono.

Quando partir
Ficas à mercê das ondas
Por cima dos hieróglifos do Nilo.

Ah, sim, bailará o sarcófago dos teus nomes
Por cima dos hieróglifos do Nilo.

Restos de fuligem deixam rastros
Na paisagem fabril e carvoeira
Trespasada pelos carris do mito.

Meus BB.: PPr.:
Eis uma grande lição
Attention, mes BB.:CC.:
Le couteau à greffe – a navalha de enxertia – é
Bem mais penetrante que le couteau de coupe – que a navalha de
Poda.

Jorra luz do seu corte
Ilumina até à terceira visão, ao passo
Que a navalha de poda só apara
Umhas grimpas, só serve para polir
Umhas cascas grossas.
Jorra da sua lâmina, leda e nítida, a estrela flamígera.

Le couteau de coupe n'a pas de précision, deixaria
Morrer o paciente às mãos do cirurgião
Ao passo que da navalha de enxertia
Raia a estrela flamígera.
Falta à navalha de poda o fio fino que ataca
Pela raiz a ignorância
E a intensidade voltaica para os olhos descerrar
À revelação.

Respiremos.
Respira, C. Respira até à hulha mais hermética
Aquecida nos fornos do carvão de coque.
Parados em Douai, já a Tia Cateau teve tempo
De erguer as saias e temperar o caldo com umas faíscas
De cominhos, pimenta preta
E flor de sal.

Talvez tenhas posto os pés
No tapete de hortelã outrora pisado pelo eremita
Que o caminho à noite alumiaava
Com a candeia a afastar para os lados a
Persiana de breu.
Aurai-je mis mes pieds aveugles

Terei pisado com os pés cegos
O rasto de luz que velhos carvoeiros
Deixaram a cintilar na floresta
Para mostrar a via rápida?
As folhas mortas das árvores, a humidade do ar
A erva a molhar as botas - era
Novembro no bosque
Flamengo de Francisco I, dito "le Père", cognominado
"François au grand nez", fundador do
Collège de France - devia
Meter o nariz em tudo
O curioso. Iniciado nos segredos

Do carvão
Como Saint Thibaud
Conheceste-o comigo, C.
Viste o pote de ferro com que a Tia Cateau
Satisfazia os Bons Primos lenhadores e carvoeiros.

E contudo, contudo...
A luz que mais fere neste templo
De ramos erguidos em pirâmide
Provém do altar - não é de pedra a ara, meus BB. :. PPr. :.
Não é da nossa santa madeira

O altar é metálico.
Esplêndida nas dimensões
E na vetusta ferrugem
Ali, junto ao pote da pitaça
Preside
A bigorna - símbolo maior dos trabalhos
Iniciação à Idade do Ferro

Stella Carbono

TGV Lille/Paris, novembre 2013 . Palácio dos Melos, Viseu, agosto de 2014

